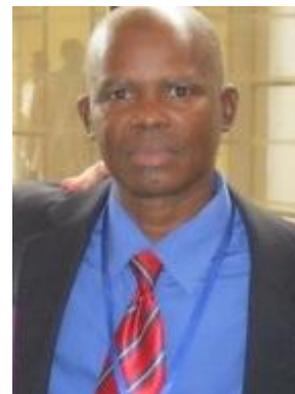


Um breve resumo sobre minha trajetória profissional: do pequeno camponês a bibliotecário acadêmico, várias histórias



Iaguba Djalo

Bibliotecário, funcionário da Biblioteca do Inep da Guiné-Bissau.

Resumo: O presente relato de experiência visa narrar alguns trechos da minha história e trajetória profissional, o desejo pelos estudos e a busca pelo aprofundamento de conhecimento teórico-prático em Biblioteconomia que marcaram a minha trajetória.

1. De onde venho?

Nasci em um numerosa família de camponeses em St. Cambana, uma pequena povoação situada na região de Gabu, no leste da Guiné-Bissau. A minha vida escolar começou muito tarde, quando já era adolescente, aos 12 anos. Os meus pais, embora dessem pouco valor à educação formal, resolveram matricular-me em uma escola primária vizinha da minha povoação, e era preciso caminhar diariamente seis quilômetros para frequentá-la.

Em um contexto em que a educação formal era reservada apenas à elite, ainda assim minha mãe entendeu cedo que a educação era oportunidade única para subir na pirâmide

social, e ela transformou-se em uma guerreira ao meu lado, não poupou esforços e sempre me apoiou nos estudos.

Terminado o ensino primário de quatro anos, fui logo frequentar o ciclo preparatório e o ensino secundário em Bafatá, a segunda maior cidade da Guiné-Bissau. Sempre com muita dedicação e empenho, procurei fazer dos estudos um meio de ascensão cultural e pessoal, enquanto muitos colegas da minha idade abandonaram os estudos para ajudar a família nos trabalhos agrícolas.

Enfrentei situações difíceis durante a minha escolaridade, meus pais sempre tiveram de realizar grandes esforços para eu poder estudar e me manter ligado à escola. Como não tinha oportunidade nem meios para continuar os estudos superiores, imediatamente, após o fim do ensino secundário, resolvi frequentar o curso técnico médio no Centro Nacional de Formação Administrativa, em 1990 e 1991.

2. Como foi possível vencer os desafios e construir uma carreira?

2.1 A escolha do caminho a trilhar

O destino me levou a abraçar a profissão de bibliotecário, e essa escolha pautou-se no desejo pessoal de trabalhar na área de informação. Em 1990, comecei a trabalhar no Centro de Documentação e Informação Agrícola de um projeto de desenvolvimento rural como auxiliar documentalista. Enquanto me empenhava no desenvolvimento e organização do serviço de documentação, me envolvia em procedimentos para a realização de intercâmbios e busca de novas formas de aprofundar os meus conhecimentos nessa área. Foi nessa senda que fui participando de alguns estágios de formação na área de gestão e desenvolvimento de bibliotecas.

Essa experiência me valeu um novo emprego na Biblioteca Pública do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), em Bissau. Começava ali o meu primeiro desafio da carreira de bibliotecário. Embora eu não conhecesse muito bem algumas tarefas complexas da biblioteca, eu tinha motivação de aprender e, por isso, me envolvia

em tudo que era trabalho técnico e que se referia ao funcionamento de uma biblioteca dessa dimensão.

Com o tempo, consegui superar dificuldades realizando estágios de curta e longa duração, dentro e fora do país. Entre os mais importantes, destacam-se os estágios de formação realizados na Universidade Cheikh Anta Diop, em Dakar, Senegal; no Instituto Pan-africano para o Desenvolvimento (IPD), em Ouagadougou, Boukina-Faso; e na École National Supérieure des Sciences de l'Information et des Bibliothèques (ENSSIB), em Villeurbanne, perto da cidade de Lyon, na França.

A minha vivência de cerca de dez anos na Biblioteca Pública do INEP, tendo ocupado progressivamente, entre o período de 1994 a 2003, vários cargos técnicos até chegar à posição de diretor, me permite solidificar a experiência e as competências neste domínio. O trabalho coletivo e cooperativo era característico da minha gestão.

Ao deixar a direção e por via dessa experiência, por meio de um concurso público, fui admitido para trabalhar na Organização das Nações Unidas (ONU), exercendo, entre o período de 2003 a 2015, as funções de responsável pelo Serviço de Informação e Documentação do Sistema das Nações Unidas na Guiné-Bissau, ao mesmo tempo assegurando o secretariado do Grupo de Comunicação desse organismo internacional, antes de voltar à antiga casa, a Biblioteca Pública do INEP, em 2015.

Convém não esquecer que a biblioteca do INEP, cuja esmagadora maioria dos acervos foi gerada a partir do processo de colonização, é a mais importante biblioteca do país e desempenha o papel da Biblioteca Nacional da Guiné-Bissau, tendo sido destruída durante o conflito político-militar em 1998, um ano antes da minha nomeação ao cargo de Diretor. Ressalto que ela foi criada para servir de embrião da Biblioteca Nacional.

Depois do conflito, que durou cerca de 11 meses, a minha prioridade como diretor foi traçar metas e definir e elaborar um plano estratégico no processo de reconstrução da Biblioteca. Com esse propósito, fui desenvolvendo forte campanha de mobilização de parceiros em torno do projeto de reconstrução e reabilitação das infraestruturas, para

restaurar a imagem da Biblioteca, como primeiro passo, depois seguir com o processo de recuperação e reorganização dos acervos.

A minha ascendência profissional era um sinal que estava surgindo no horizonte no exato momento em que era necessário escolher entre enveredar por um caminho de técnico bibliotecário, que não ostenta elevados títulos acadêmicos, mesmo atingindo resultados altamente apreciáveis, ou continuar e investir novamente na minha qualificação profissional.

Optei por esse último, e decidi escolher um curso de mestrado que me levasse a conduzir uma pesquisa na área educacional, me inscrevendo, por meio de um processo de equivalência, para o Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares na Universidade Aberta de Lisboa, em Portugal. Considero essa escolha uma opção acertada tanto para a minha vida acadêmica quanto para a minha vida profissional.

3. A vida profissional e os desafios de integração no ambiente profissional

3.1. Rompendo barreiras e alcançando metas

Na Guiné-Bissau, é notória a subalternização das tarefas de um técnico que trabalha nas bibliotecas, arquivos e serviços de documentação, sem qualquer noção da classe. Suas tarefas são confundidas com as práticas do secretariado e, na maior parte dos casos, indivíduos alocados nesses serviços sem nenhuma formação de base.

Existe uma ignorância generalizada sobre a importância, as funções e o papel do bibliotecário, arquivista e documentalista, com o agravante de que os próprios técnicos, por sua vez, e nem sempre isoladamente, se esforçam para alterar a situação. Embora haja quem esteja atento às mudanças da sociedade do conhecimento e as suas exigências, buscando agir por meio de participação em cursos de curta duração, congressos e encontros e diversas outras formas de atualização e superação, para encontrar forma identitária que se constrói e reconstrói.

Como forma de contrariar essa tendência, decidi avançar com a ideia da criação de uma associação socioprofissional que pudesse defender os interesses da classe. Tal ideia foi prontamente abraçada pelos colegas, inconformados com a situação e imbuídos de espírito de luta por um estatuto profissional digno, que também ansiavam por um organismo de classe profissional nessa área.

O processo de criação da associação, denominada Associação Guineense de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (AGDAB), foi conduzido por uma comissão instauradora que eu tive a honra e o privilégio de presidir. Essa comissão foi incumbida da tarefa de elaborar proposta de projeto dos estatutos e de avançar com o processo de organização da primeira assembleia-geral, reunida em janeiro de 1997, em cuja sequência, um grupo de colegas apresentou a proposta da minha candidatura ao cargo de presidente, e fui vencedor das eleições.

Como presidente da AGDAB, e atento para o fato de que o setor de biblioteca, arquivos e documentação é um dos que mais sofre pela instabilidade política no país e apresenta maior *deficit* de intervenção do governo, promovi várias atividades, entre as quais formação de pessoal, encontros e sensibilização, de forma a construir um embrião de identidade profissional, tomada de consciência sobre o valor da profissão.

Logo nos dias após a criação da AGDAB, em 1997, fui liderar uma vasta campanha de sensibilização e de busca por parcerias, com o propósito de angariar meios que permitissem organizar ações sistemáticas de formação de nível básico e intermediárias para a superação dos bibliotecários, arquivistas e documentalistas na Guiné-Bissau.

Nesse âmbito, organizei uma viagem que me levou a vários países, nomeadamente:

Suécia: em Estocolmo, assinei, com a Presidente da Associação Sueca de Bibliotecários, um memorando de entendimento e, em Uppsala, onde fica a sede do Programa ALP (Action for Development through Libraries Programme) da IFLA (International Federation of Library Associations and Institutions), e também consegui apoio da ex-coordenadora do Programa, Brigitte Berzdal;

Holanda: concretamente em Wageningen, tive um encontro com o Diretor do Centro Técnico e Cooperação Agrícola e Rural, um Organismo da ACP (África Caraíbas e Pacífico) e EU (União Europeia).

Nesse processo de contatos, estabeleci muitas parcerias que contribuíram sobremaneira para que a AGDAB pudesse desenvolver atividades de formação em vários níveis, algumas ministradas por técnicos nacionais selecionados entre os funcionários seniores mais qualificados. Os cursos de terceiro nível são sempre dedicados aos especialistas formadores estrangeiros, na sua maioria portugueses e senegaleses.

Ainda na qualidade de presidente da AGDAB, dirigi várias missões de sensibilização junto de personalidades e instituições públicas nacionais e privadas, para a valorização do sistema nacional de informação e promoção de uma política nacional do livro e da leitura.

No quadro da Lusofonia, participei do 3º e do 4º Encontro Internacional de Bibliotecários de Língua Portuguesa, que aconteceram em 1998 e 2002, respectivamente, em Aveiro, Portugal, e São Paulo, Brasil, tendo tomado parte na comissão de redação da famosa Carta de Aveiro, além de outras participações nos espaços de língua portuguesa realizados tradicionalmente nas ocasiões dos congressos da IFLA.

Denota-se que na Carta de Aveiro foram tomadas importantes decisões no sentido de fomentar a comunicação permanente e eficaz entre os profissionais da área das ciências da informação de língua portuguesa, para potencializar a realização de projetos comuns e aperfeiçoar o desempenho desses profissionais. Nesse encontro, os cursos básicos organizados pela AGDAB tiveram destaque no capítulo de formação de recursos humanos na Carta de Aveiro.

A AGDAB tornou-se membro de pleno direito da IFLA – International Federation of Library Associations and Institutions em 1997 e da AFLIA – Associação Africana de

Bibliotecas e Instituições de Informação em 2015, e continua a desempenhar um papel inestimável junto dos profissionais da área.

4. Transpondo os limites e trilhando para representações externas

Ingressei-me na IFLA como membro do Comitê Permanente da Seção África pela primeira vez em agosto de 1997, com um mandato entre 1997 e 2001, por meio da filiação da AGDAB como membro institucional.

Vale lembrar que a IFLA é uma organização mundial com autoridade para atuar como voz global da profissão de bibliotecário, criada para promover a causa do setor e da profissão, estruturada em oito divisões e 42 seções. Sua função básica é encorajar, patrocinar e promover a cooperação internacional, o debate e a investigação em todos os campos da atividade bibliotecária e, ainda, compartilhar suas descobertas com a comunidade do setor como um todo, para o bem da biblioteconomia.

Infelizmente os países africanos são pouco representados nos órgãos da IFLA, pois os países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) se encontram entre os mais sub-representados em todos os órgãos e seções, portanto as condições econômicas ou políticas justificam essa falta de participação nos trabalhos da Organização.

Ao longo do meu primeiro mandato tomei parte em congressos da IFLA, nomeadamente: Congresso de Copenhague em 1997, Congresso de Amsterdã em 1998, Congresso de Boston em 2001 e Congresso de Glasgow em 2002, para além de participação nas atividades regionais da seção africana, em grupos de trabalho, seminários e encontros organizados no plano regional.

Atendendo a minha experiência internacional, acabo de ser reeleito membro do Comitê Permanente da Seção Africana da IFLA, para um novo mandato de quatro anos, que se iniciou na ocasião do 81º Congresso Mundial da Organização, ocorrido em agosto de 2015, na Cidade do Cabo, África do Sul.

Recorda-se que as reuniões dos Comitês Permanentes são instâncias de trocas e de ideias, de balanços e de elaboração e aprovação de programas de atividades da seção. A esse propósito, neste segundo mandato, tenho participado de séries de atividades e reuniões de alto nível para elaboração e implementação de plano estratégico que visa coordenar uma agenda de sensibilização e promoção de bibliotecas públicas e comunitárias na região africana, no quadro do Programa de Advocacia Internacional iniciado pela IFLA. Esse plano pretende contribuir no cumprimento da agenda de desenvolvimento (incluindo os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU de 2030 e a agenda da União Africana de 2063).

5. Trilhando para caminhos de consolidação da representação externa

A Associação Africana de Bibliotecas e Instituições de Informação (AFLIA) é uma organização não governamental pan-africana que defende os interesses de associações de bibliotecários e profissionais de informação, bibliotecas e serviços de informação.

A ideia da criação da AFLIA surgiu na ocasião da 1ª Cimeira Africana de Bibliotecas Públicas, em Joanesburgo, África do Sul, em 2012, na qual tomei parte em representação da Guiné-Bissau. Foi uma conferência que reuniu doadores e decisores políticos para refletirem, em conjunto, a forma como as bibliotecas públicas africanas podem contribuir nas prioridades de desenvolvimento das comunidades dos países e do continente e criar plataforma de debate sobre os esforços globais, a fim de fazer das bibliotecas polos de desenvolvimento.

Foi nesse âmbito que, no decorrer da Cimeira, tomei parte de um grupo de delegados, nomeadamente: John Tsebe, da África do Sul, Ann Imoisi, da Nigéria, Abibou Coly, do Senegal e Richard Atuni, do Quênia, ansiosos de ter uma voz única africana que defenda os interesses de bibliotecários, bibliotecas e serviços de informação no continente africano e, movidos por um forte compromisso de verem desenvolvido o setor de biblioteconomia na África, apresentaram uma proposta de moção para a criação de uma organização africana que pudesse defender os interesses da classe. Desde então,

tem havido muito trabalho realizado pelo grupo, apoiado pela Seção da IFLA para a África no sentido da criação da Associação.

Um ano depois, em julho de 2013, fui convidado a participar na 2ª Cimeira de Bibliotecas Africanas, em Pretória, sob o lema “O horizonte e além”. Nesta ocasião foi criada formalmente a Associação Africana de Bibliotecas e Instituições da Informação (AFLIA), cuja sede está na República de Gana, registada como uma organização não governamental (ONG) internacional sob as leis desse país africano, em outubro de 2014.

Foi então criada uma comissão instauradora que dirigiu as ações e atividades até a realização do primeiro congresso, que teve lugar no Centro de Conferências de GIMPA (Ghana Institute of Management and Public Administration), de 30 de maio a 3 de julho de 2015, no qual fui eleito membro do Conselho de Administração em Representação dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

6. A produção científica

Ao longo da minha trajetória profissional, participei de diferentes eventos profissionais: conferências, colóquios, seminários, grupos de trabalho, encontros profissionais em diferentes cantos do mundo. Publiquei artigos e comunicações em jornais e revistas e protagonizei no emergir de algumas organizações. Essas experiências proporcionaram-me conhecimentos que me permitem lidar e atuar em situações diferentes.

Em um mundo contemporâneo marcado por intensa competitividade, mudanças e incertezas, torna-se imprescindível para um profissional a flexibilidade e a proatividade, que têm sido a chave para o evoluir da minha carreira profissional. Muitas trilhas foram percorridas, alguns novos caminhos vão se abrindo e outros já estão consolidados.

Informação bibliográfica deste texto, conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT):

DJALO, Iaguba. Um breve resumo sobre minha trajetória profissional: do pequeno camponês a bibliotecário acadêmico, várias histórias. *Bibliotecas Universitárias: pesquisas, experiências e perspectivas*, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 56-66, jul./dez. 2016.

Recebido em: 20.05.2017.

Aceito em: 25.05.2017.